

# ADORAR, DEMORAR E COMER: LER E COMENTAR JACQUES DERRIDA E SUAS PERGUNTAS A PARTIR DA PERGUNTA “CHE COS’È LA POESIA?”

– FABIO POMPONIO SALDANHA

## RESUMO

Este trabalho relê “Che cos’è la poesia?”, de Jacques Derrida, buscando encontrar questões que, em um primeiro momento, pensam a possibilidade de resposta enquanto aquela a sempre se definir e se atualizar a partir da leitura (logo, dando a entender que toda leitura poderia, por ventura, se tornar uma leitura crítica) e, dado o encontro do leitor com o poema (metonímia da poesia, única forma possível de entendê-la), esboçar certos argumentos que unam leitor e poema a uma certa maneira de ler enquanto uma teoria do amor, do afeto e de seus próprios limites.

**Palavras-chave:** Jacques Derrida; Poesia; Tradução; Leitura; Amor.

## ABSTRACT

*This paper rereads Jacques Derrida’s “Che cos’è la poesia?”, searching questions in it that, at first sight, reflect upon the possibility of answering as the one that’s always defined and rethought starting with reading (therefore, suggesting that every act of reading could, at some point, become a critical reading) and, given the reader’s encounter with the poem (working as a metonym for poetry, being the only chance of actually understanding it), this paper draws certain arguments that tie together both reader and poem to a certain way of reading understood as a theory of love, of affection and its own limits.*

**Keywords:** Jacques Derrida; Poetry; Translation; Reading; Love.

“O que é...?” chora o desaparecimento do poema – uma outra catástrofe. Anunciando o que é tal como é, uma questão saúda o nascimento da prosa.

Jacques Derrida, “Che cos’è la poesia?”

Comentar, resenhar e contra-assinar, já que a leitura é também assinar junto do nome, assinar o meu nome àquele que assina o texto, fundindo-me ao autor, Jacques Derrida, não é difícil: é prazeroso. Reconhecer no poder dizer e no ser convidado a falar sobre, a dizer algo a respeito, a resenhar e a inserir algo a ser posteriormente considerado como crítico, nos traz questionamentos cuja necessidade de serem modulados como uma ferramenta negativa não existe de antemão, mas sim como algo que nos traz ainda mais para perto, junto com o autor e daquilo que poderíamos considerar recorrente, característico, se ainda poderíamos falar enquanto estamos não só falando de, com e a partir de Jacques Derrida, mas também a respeito de todo e qualquer outro tópico a ser considerado como nosso comentário, como nosso entendimento, como esse encontro entre o acontecimento do texto, sem usarmos o termo “original”, mas ainda estabelecendo, ou tentando estabelecer, um momento para proclamar como a origem do acontecimento (sem dizer “origem”), sem dizer da certificação de um acontecimento, como se o mesmo fosse de fácil identificação e entendimento testamentário.

Isto porque todo comentário é acontecimento e novo ponto de uma coisa que poderíamos estabelecer como origem. Origem pois, como o poema gera o coração, a leitura é gerada pela crítica (e esta também é gerada por essa) nesse movimento no qual não se sabe definir ao certo quem teria inventado quem em primeiro lugar, como se houvesse sempre uma promessa anterior: leia-me criticamente que criticarei a sua leitura, como se, para repetir a modulação, ler e criticar não fossem dissociáveis, pois isso se daria dentro da promessa desse amor que clama pelo outro. O ponto, no entanto, ou ainda, o ponto, evidentemente em uma situação na qual não se sabe o que se espera enquanto tanto a relação do poema no porvir quanto o da leitura e a sua relação com uma opinião a respeito dela passam pela impossibilidade da determinação de linguagem única, já que isso, como corolário, traz a supressão da possibilidade da surpresa, do jogo, da hospitalidade do outro Outro e, logo, tem na possibilidade da supressão, do problema, o resultado:

Não é isso o poema, quando uma garantia é dada, a vinda de um acontecimento, no momento em que a travessia da estrada chamada tradução torna-se tão improvável quanto um acidente, contudo intensamente sonhada, necessária na medida em que o que ela promete deixa sempre a desejar? (DERRIDA, 2001, p. 113-114)

E se assim o é, ou seja, o que ela promete deixa sempre a desejar, é porque a promessa já é feita dentro de outra promessa, dentro dessa estrutura sempre anterior e que gera a possibilidade da construção de mais outra promessa, sendo essa segunda sempre falha porque determina um ponto de chegada sem ao menos dizermos para onde estamos indo porque, se podemos dizer de fato, de fato, não sabemos ainda para onde vamos, pois não saímos a ler o texto.

Como novo acontecimento, como interrupção do até aqui estabelecido por esse traço: comentar e ler Jacques Derrida equivale a comentar e a ler todo e qualquer texto possível, pois toda leitura é também de alguma maneira e em algum sentido crítico porque o observador e o leitor contra-assinam e assinam embaixo, junto e concomitante ao texto através do que leem. Se ler criticamente é ler, de alguma maneira, com uma perspectiva, com algum fio condutor, toda e qualquer leitura pode vir a ser considerada crítica em algum ponto, mesmo que dele se discorde, o que em si é também outro ato crítico através do verbo "ler", porque é crítica e é leitura ao mesmo tempo.

Assim o é pois inaugura, junto do acontecimento, e é inaugurada por ele, enquanto leitura e crítica: o acontecimento da leitura gera a crítica e a crítica gera o acontecimento da leitura, daquela leitura, daquela leitura singular e tão fragmentada quanto a possibilidade de rememorar a leitura porque um eu e um outro surgem a partir desse momento enquanto dois, enquanto um, enquanto mais de um e menos que dois porque fantasmáticos, inaugurados nesta fantasmagoria da leitura que não é mais difícil por ser Derrida nem mais simples, mas sim mais uma leitura nesse modo de ler, nesse modo de ser convidado à leitura e ao comentário porque a mesa na qual se poderá sentar e partilhar deste momento encontra-se aberta (DERRIDA e FERRARIS, 2006).

Como essa leitura aqui inaugurada já se configura enquanto nova abertura e, ao mesmo tempo, repetida e limitada – de cinco a oito páginas, não é? –, pois o outro, tanto na publicação original – *em duas palavras, não é?* (DERRIDA, 2010, p. 113) –, quanto neste novo texto, já se encontra determinado e um pouco imaginado, um pouco mais daquilo que se sabe do que se pode saber, de acordo com o que tanto a escrita quanto o texto escondem, separam e diferenciam (DERRIDA, 2015). Isso porque só se pode especular sobre o comentário, sobre o

que leva o comentário do comentário e sobre o que pode o comentário do comentário quando se comenta algo enquanto se especula e enquanto se varia dentro da variação, levando o pensamento ao ponto do enlouquecimento, enquanto damos nossas voltas a partir de, com, através e contra-assinando Derrida.

Da mesma maneira que toda possibilidade de leitura pode vir a ser crítica porque não estamos estabelecendo de antemão o que definiria este adjetivo ou a possibilidade de entender o que é o ato adjetivado, assim como a combinação, podemos ver a possibilidade do argumento quando entendemos, na exploração da leitura, da leitura da literatura, um exercício único e repetitivo ao mesmo tempo, exatamente pela possibilidade de iteração, de repetição, de repetição como mecanismo comparativo (porque a crítica também teria algo de comparação nela mesma, seja pela possibilidade de ver na crítica uma comparação ou na comparação uma crítica, uma possibilidade de juntar através do acontecimento da leitura a comparação, o acontecimento e a leitura) (DERRIDA, 2008). Um ponto fantasmático que me assombra enquanto escrevo, é que se tudo é possível, também nada é possível. Esse fantasma, essa fantasmagoria implicada pelo problema do fantasma, do poema-ouriço-fantasmático, também é do texto e da leitura, da possibilidade de não se imaginar um mundo no qual a hospitalidade continua sendo entendida enquanto tal pelos moldes como se dá o dilema entre o hospedeiro e hóspede (DERRIDA, 2000), tem-se como paralelo que toda leitura é também possível, assim como totalmente impossível, pois se faz ali presente enquanto um desafio para o, assim como perante o, ouriço: no momento em que a promessa já está jurada e gerada, o ouriço se fecha e a mim só me cabe dizer, decoro-te, devoro-te, faço de você mim, faça de mim você:

Literalmente, você gostaria de decorar uma forma absolutamente única, um acontecimento cuja intangível singularidade já não separasse a idealidade, o sentido ideal, como se diz, do corpo da letra. Nesse desejo da inseparação absoluta, o não-absoluto absoluto, você respira a origem do poético. Daí a resistência infinita à transferência da letra que o animal, em seu nome, todavia solicita. É a desgraça do ouriço. O que quer a desgraça, o próprio *estresse? stricto sensu* alertar. Daí a profecia: traduza-me, vela-me, guarda-me um pouco mais, salve-se, deixemos a estrada. [...] Chamo poema *aquilo que* ensina o coração, que inventa o coração, enfim aquilo que a palavra coração parece querer dizer e que na minha língua me parece difícil distinguir da palavra coração. (DERRIDA, 2001, p. 115)

Esse acontecimento que já acontece porque já chega, ouriçado, velado à possibilidade de reconhecimento e de abertura ao outro, pois ela é a constatação de que um eu poderia amar o outro, devorá-lo e velá-lo, ou seja, excluir o mecanismo aparente da diferenciação, da linha que separa o eu do outro, pois se lhe como, se lhe devoro na leitura e na interpretação, então o eu e o outro fazem parte agora do eu e do outro, e não mais como entes separados. O ouriço, a se proteger da possibilidade de se tornar refém de um hospedeiro[1] que vem até ele para lê-lo, devorá-lo, faz da possibilidade de interpretação total um aviso no qual há resistência, ainda que se ame, que se adore, que se implore, através da primeira promessa feita que instaura e inaugura tanto o poema, quanto o leitor, quanto também está no correlato da inauguração do coração, já que este depende do ouriço.

Ler, devorar e velar o poema, ou seja, interpretá-lo, tentar agarrá-lo ou, como o desafio instaurado por Derrida, defini-lo através da amargura da pergunta “O que é?”, é um desafio de hospitalidade, de “hospitalidade” (DERRIDA, 2000), próprio dela, como “O que é?” é próprio da filosofia[2], logo, também trazendo consigo questões parecidas, cujos rumos se definem a partir das especificidades desse acontecimento que, se acontecimento, também se repete, se diferencia, deixa seus traços, como na leitura:

Não, uma marca a você dirigida, deixada, confiada, é acompanhada por uma injunção, é na verdade instituída nessa mesma ordem que, por sua vez, constitui você, estabelecendo sua origem ou dando-lhe lugar: destrua-me, ou melhor, torne meu suporte invisível do lado de fora, no mundo (neste ponto, já aparece o traço de todas as dissociações, a história das transcendências), faça com que a proveniência da marca permaneça de agora em diante inencontrável ou irreconhecível. Prometa-o: que ela se desfigure, transfigure ou indetermine em seu *porto*, e nessa palavra você ouvirá a margem da partida, assim como o referente na direção do qual uma translação se reporta. Coma, beba, engula minha letra, porte-a, transporte-a em você como a lei de uma escritura tornada seu corpo: *a escritura em si*. A astúcia da injunção pode inicialmente deixar-se inspirar pela simples possibilidade da morte, pelo perigo que um veículo traz a todo ser finito. Você ouve a catástrofe vir. Desde então, impresso sobre o próprio traço, vindo do coração, o desejo do mortal desperta em você o movimento (contraditório, está me acompanhando?, dupla restrição, imposição aporética) de proteger do esquecimento esta coisa que ao mesmo tempo se expõe à morte e se protege – em uma palavra, o porte, a retração do ouriço, como na estrada um animal enrolado em bola. Gostaríamos de pegá-lo nas mãos, aprendê-lo e compreendê-lo, guardá-lo para nós, junto de nós. (DERRIDA, 2001, p. 114)

[1] Como *Funny Games* (2007), caso estivéssemos também falando aqui de cinema.

[2] Argumento presente em DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

Guardar o poema se equipara à ideia de uma promessa de amor obcecada pela vontade de fechar o poema para si, como uma confissão de vontade própria do leitor de decorá-lo, de saber todos os seus segredos, de desvendá-lo, pois, se decorado, não há surpresa, não há volta dada no mapa da cartografia dessa escritura que não seria reconhecida. No entanto, velá-lo, guardá-lo para si, é escondê-lo: um poema velado é um poema encoberto, é um poema escondido, é o ouriço já recolhido em si com as flechas apontando para o lado de fora. Velar se torna, ao mesmo tempo, a promessa de amor deixada para garantir a sobrevivência do ouriço, como também seu atestado de rejeição nesse amor que não se coloca como promessa primeira pela impossibilidade de se garantir a continuidade da vida sem a devoração da diferença e a tentativa de anular aquilo a juntar Eu e Outro enquanto duas categorias juntas, porém separadas, porque já diferenciadas em um traço que, se diferenciado, não volta, mas se diferencia e se repete.

Além disso, se velo, se prezo pelo ouriço, se prezo pelo poema, se velo o poema, sei que o poema está pronto para partir: se velo, se estou ali, na soleira da porta, na beira do acontecimento, estou prestes a enterrar o poema, a velá-lo em um caixão, a suprimir aquilo que falta para esconder a diferença. Velar enquanto possibilidade de dizer a última prece, aquela que já não se dirige mais para o outro Outro porque o outro a quem se dirige a prece, a prece para velar o corpo, cobrir o morto, é uma prece a um corpo que não me responde, que não mais me ama mesmo dada a possibilidade de continuar amando o poema ali presente, ouriço cuja tentativa de atravessar a estrada encontrou exatamente ali, naquele encontro, o sacrifício do que se perde na estrada: o fim do poema, o início da prosa. Quando o poema gera o coração que aprende a decorar algo, a transladar para dentro de si algo a ser traduzido, já não o faz como ouriço, mas como prosa, já o faz enquanto tradução, uma busca pelo nome, em uma guerra pelo nome, pois busca dizer e dizer mais uma vez, repetindo-se, prolongando a duração já da tradução, do corpo enterrado.

Esta prece que dirijo ao e não digiro o poema, ao ouriço sendo auxiliado a atravessar a estrada entre o eu e o outro, a transladar, a ser traduzido, é também uma prece para que o ouriço viva, sobreviva e continue vivendo sem mim: o aprendido pelo coração se torna, ao mesmo tempo, a morte do poema e a possibilidade de sobreviver quando se deixa o poema ir, quando não se prende o ouriço tempo demais em suas mãos para sufocá-lo. A prece de amor do coração recém-gerado é uma prece enlutada, mas a única forma de rezar é quando se reza a um outro: não o outro diretamente na sua frente, mas ao outro Outro, nesse caso, Deus (DERRIDA, 2011).

Deus é o nome para o qual se reza pois se sabe da possibilidade da partida: a prece surge dessa súplica anterior ao outro Outro que é todo outro (*tout autre*), pois não existe mundo possível a partir do qual eu e o ouriço amado possamos viver juntos; só há ilhas. E se só há ilhas no mundo, só há a possibilidade de comunicação através da tradução, que também é pelo nome de Deus (DERRIDA, 2002), garantindo a sobrevivência do texto, assim como a do poema e a do ouriço. *Je suis seul(e)*[3]: eu, ilha, lendo, gerado e gerando ao poema uma outra vida, tendo uma outra vida, um primeiro coração, pelo qual rezo, pelo qual agradeço, pelo qual peço a Deus, a esse nome dos nomes, que leve o poema, que o faça sobreviver, que o faça permanecer. O dom da leitura dado, o dom do acontecimento, a dádiva que aqui sobra, aquilo que resta, para permanecermos com Derrida, caso seja possível crer na possibilidade de em algum momento termos abandonado Derrida e não estarmos também velando-o, aquilo que resta é também o traço. Agora o traço do poema, do poema em mim e do poema na estrada, ouriço fechado em si que continua a sobreviver. Ilha, ainda que sozinha, mas não a mesma: todo caminho de traslado entre mim e o poema, nesse movimento de mantê-lo e gerar em mim o coração que o ama, em prece pelo dom da dádiva recebida, gera traço de tradução que garante a possibilidade de sempre dizê-lo novamente, reencontrá-lo no caminho, sem a necessidade de fazê-lo meu, somente meu.

A aporia de determinar o que é algo, responder em poucas palavras, é como reler e comentar em poucas páginas[4]: evento na aporia que, para se manter, não tem fim. Não tem fim por ser uma aporia, por ser aporético, por ter em si a continuidade da repetição de um traço já definido, por ter no ato de ler e comentar, de trazer para si o ouriço que dessa vez chamamos de Derrida: nunca termina, só se estende. A agonia seria tentar conter a aporia, o movimento espiral, a possibilidade de deixar a porta aberta e dizer: desse ato de conservação com a promessa e a oração para Derrida, junto dele, acima, perto, encostado, mas nunca nele, é também a possibilidade de manter o ouriço, dessa vez o poema, vivo. Mantê-lo velado, cobri-lo no desejo egoísta de mantê-lo por perto, e velá-lo para evitar que morra: orar sabendo da finitude, pedindo uma possibilidade de prolongar o momento de encontro e fazendo dessa oração uma promessa[5] (por favor volte, se repita, venha mais uma vez, já que o encontro da casa, nessa ilha habitada por uma pessoa com somente seus dois livros, nunca é o mesmo quando se sai dela).

Antes do fim, antes da promessa de deixar-se ir, retomo uma nota disponível no texto derridiano, extraído do volume editado por Elisabeth Weber, *Points de Suspension* (1992), que fora traduzida por Marcos Siscar e Tathiana Rios:

[3] Ver DERRIDA, 2011.

[4] Ainda que a noção da suficiência entre pouco, muito e suficiente não seja pré-estabelecida e mantida em comum acordo.

[5] Isso se não chegarmos tarde demais; isso se não chegarmos num momento em que o poema, de fato, já estivesse assim, morto, tornado prosa.

A revista italiana *Poesia*, onde esse texto foi publicado em novembro de 1988 (traduzido por Maurizio Ferraris), inicia cada um de seus números com a tentativa ou o simulacro de uma resposta, em algumas linhas, para a questão *che cos'è la poesia?* Ela é feita a alguém vivo, a resposta à questão *che cos'era la poesia?* estando a cargo de um morto, nesse caso à *Odradek* de Kafka. No momento em que escreve, o vivo ignora a resposta do morto: ela vem no final da revista segundo a escolha dos editores. (WEBER, 2001, p. 116)

Ainda que o acontecimento da escolha esteja indisponível para o autor da resposta, o autor para quem se elege a possibilidade de resposta do morto, aquele a não ouvir nossas preces, traz uma possibilidade de encerrarmos, com uma vírgula e não um ponto final, a possibilidade de entendermos o porquê de fugirmos tanto da chance de guardar nossos ouriços somente para nós. O pai de *Odradek* se incomoda com a possibilidade de sobrevivida do filho, desse outro tão próximo de si tão ouriçado, tão fechado à possibilidade de entendimento total, permanecendo segredo, secreto:

Naturalmente não se fazem a ele perguntas difíceis, mas sim o tratamos – seu diminuto tamanho nos leva a isso – tal qual uma criança. “Como te chamas?” perguntam-lhe. “*Odradek*”, diz. “E onde moras?” “Domicílio incerto”, responde, e ri, mas é um riso sem pulmões. Soa como um sussurro de folhas secas. [...] Não faz mal a ninguém, mas a ideia de que possa sobreviver-me é quase dolorosa para mim. (KAFKA, s.d., s.p.)

A dor da prece é vista e revista como a possibilidade de que o ouriço permaneça. Aporia impossível de resolver quando da indissociabilidade da existência de um eu que se entende como outro, de um eu que vê o outro e não assume a possibilidade de que o outro exista enquanto outro. O fim, o fim desse fim, é de Elvira Vigna (2018), que encerrará o que tenho a dizer, como ela mesma diria, com mais nada a dizer:

Vamos imaginar que ele não seja isso, um pai.

Vamos imaginar que seja um pai simbólico.

Represente a ordem constituída, os bons modos etc.

Mas o texto do Kafka vale de qualquer maneira.

Se você diz não para tudo:

- Para formas físicas redutíveis à geometria ou a padrões de beleza;
- Para nomes reconhecíveis em alguma língua do mundo.
- Para conversinhas bestas.

Se você diz não para isso e para tudo mais que tenha utilidade.

– Aí incluindo consumir alguma coisa ou vender outra.

Você simplesmente vence.

Alguns Odradeks ficam famosos.

Van Gogh.

Tratado como lixo, nunca morreu. (VIGNA, 2018, s.p.)

**FABIO POMPONIO SALDANHA** — Discente no programa de Doutorado Direto em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (DTLLC-USP) e bolsista FAPESP (processo 2022/15480-7). Possui graduação em Letras - Japonês pela mesma universidade, tendo realizado intercâmbio na 愛知県立大学 (Aichi Prefectural University - APU). Este texto foi apresentado como requisito para nota na disciplina “FLT5117 – Espaços Inter-Relacionais: entre Literaturas, entre Literaturas e outras Artes e entre Literaturas e outros Saberes” coordenada pelas professoras Cleusa Rios Pinheiro Passos e Sandra Margarida Nitrini. Contato: fabio.saldanha@usp.br

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. “Hostipitality”. Trad. de Barry Stocker e Forbes Morlock.

In: *Angelaki: the journal of theoretical humanities*, v. 5, n. 3, 2000.

DERRIDA, Jacques. “Che cos’è la poesia?” Trad. de Tathiana Rios e Marcos Siscar.

In: *Inimigo Rumor*, n. 10, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2002.

DERRIDA, Jacques. “Who or What Is Compared? The Concept of Comparative

Literature and the Theoretical Problems of Translation”. Trad. de Eric

Prenowitz. In: *Discourse*, v. 30, n. 1/2, 2008.

DERRIDA, Jacques. *Seminário. La bestia y el soberano (2002-2003)*, v. 2. Trad.

de Luis Ferrero, Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial,

2011.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Trad. de Marileide Dias Esquerda. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2015.

DERRIDA, Jacques. *A besta e o soberano (Seminário) (2001-2002)*, v. 1. Trad. de Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

DERRIDA, Jacques; Ferraris, Maurício. *O gosto do segredo*. Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2006.

DERRIDA, Jacques; Weber, Elisabeth (Org.). *Points de Suspension*. Paris: Galilée, 1992.

FUNNY GAMES. Direção de Michael Haneke. Estados Unidos: Warner Independent Pictures, 2007. 1 DVD, 111 minutos.

KAFKA, Franz. "Odradek". Disponível em: <<https://franzkafka.com.br/2014/09/14/odradek/>>. Acesso em 02 jul. 2021.

VIGNA, Elvira. *Kafkianas*. São Paulo: Todavia, 2018, Edição Kindle.

WEBER, Elisabeth. "Notas da editora". In: DERRIDA, Jacques. "Che cos'è la poesia?". Trad. de Tathiana Rios e Marcos Siscar. In: *Inimigo Rumor*, n. 10, 2001.